

O HERÓI-TRAPACEIRO Reflexões sobre a figura do *trickster**

Renato da Silva Queiroz**

“No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a consciência na ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta dum mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas”.

Mário de Andrade

RESUMO: A figura do herói-trickster tem sido investigada pelos antropólogos e pelos estudiosos da mitologia universal. Personagem polêmico por natureza, ambíguo e contraditório, o *trickster* vem sendo encontrado tanto nos relatos míticos das sociedades indígenas quanto na produção literária e folclórica e das formações sociais complexas. Desta forma, o *trickster* constitui uma categoria bastante ampla, e os problemas interpretativos daí decorrentes espicaçam a curiosidade dos antropólogos.

UNITERMOS: *trickster*, mito, mitologia, herói-civilizador, antropologia do imaginário.

* Este artigo constitui uma versão revista e ampliada do capítulo “O *Trickster*”, parte do livro *Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o Saci*. São Paulo, Editora Polis, 1987.

** Professor do Departamento de Antropologia - FFLCH-USP.

I

O termo *trickster*, adotado originalmente para nomear um restrito número de “heróis trapaceiros” presentes no repertório mítico de grupos indígenas norte-americanos, designa hoje, na literatura antropológica, uma pluralidade de personagens semelhantes, de que se tem notícia em diferentes culturas. Trata-se, a rigor, de tipos ímpares, cada qual com feições próprias, animados por narrativas que os conduzem através de sinuosos caminhos. Imprevisível, o *trickster* não se confunde, em absoluto, com a figura do pícaro, posto que este último pratica a astúcia movido por um pragmatismo que não é do feitio do *trickster* (Candido, 1970, p. 71).

Há quem adote o termo para nomear apenas e tão somente a figura do herói civilizador que se revela, ao mesmo tempo, portador de traços egoístas, a-éticos e anti-sociais (Carroll, 1981). Outros, todavia, não exigem que o herói seja “civilizador”¹ para merecer o rótulo de *trickster*: basta, para tanto, que apresente poderes excepcionais, sobrenaturais, e que os empregue em aventuras marotas (Wescott, 1962). Temos, por fim, aqueles que catalogam como *trickster* todo e qualquer personagem astuto e velhaco, não importando a sua origem: as páginas dos textos literários, a fabulação dos contos folclóricos e até mesmo o universo dos quadrinhos e dos desenhos animados (Abrams & Sutton-Smith, 1977).

II

Em geral, o *trickster* é o herói embusteiro, artiloso, cômico, pregador de peças, protagonista de façanhas que se situam, dependendo da narrativa, num passado mítico ou no tempo presente. A trajetória deste personagem é pautada pela sucessão de boas e más ações, ora atuando em benefício dos homens, ora prejudicando-os, despertando-lhes, por conseqüência, sentimentos de admiração e respeito, por um lado, e de indignação e temor, por outro.

Segundo Georges Balandier (1982, p. 25), o *trickster* (embusteiro, trapaceiro, artiloso, astuto, desonesto, etc.) recebe esta designação em lembrança a uma antiga palavra francesa - *triche* (*tricherie* = trapaça, furto, engano, falcaturia, velhacaria). Laura Makarius

¹ O herói-civilizador propriamente dito é portador ou inventor de elementos culturais, introduzido de benefícios “ligados ao que a cultura em apreço definiu como sendo os interesses vitais da comunidade” (Schaden, 1959, p. 33).

(1969, p. 2) acrescenta que *trickster* significa *jouer de tours* (pregador de peças), mas com uma dose de malícia que a expressão francesa não consegue expressar.

As publicações que se ocupam do herói *trickster* apresentam notável diversidade conceitual e interpretativa, traduzindo, de certo modo, a pluralidade dos personagens estudados. Neste caso, não se poderia apostar num elevado grau de consenso teórico, posto que o *trickster* se manifesta, invariavelmente, como um tipo ambíguo e contraditório. Ademais, como já sublinhamos, figuras saídas dos relatos míticos, das narrativas folclóricas, da produção literária e dos *cartoons* têm todas sido colocadas nesta mesma categoria.

III

Em algumas mitologias, o *trickster* assume feições humanas ou, então, vagamente antropomórficas. Noutras, é figurado como um animal - corvo, raposa, coiole, etc. Em diversas regiões africanas, por exemplo, a lebre e a hiena aparecem como suas encarnações zoomórficas (Beidelman, 1980; Koepping, 1985). Beidelman refere-se a sete figuras *tricksters* na literatura oral dos Kaguru africanos (quatro do mundo animal - lebres, hienas, pássaros e serpentes -, três do domínio humano). De qualquer maneira, o *trickster* desempenha, segundo as narrativas, tanto o papel de vilão quanto o de herói, e, muitas vezes, o de herói civilizador - isto é, o de criador de condições indispensáveis ao florescimento da sociedade humana. Seus feitos positivos, todavia, são no mais das vezes involuntários, já que seu comportamento se orienta, em grande medida, por impulsos egoístas e anti-sociais. É o caso, por exemplo, do Corvo, *trickster* dos índios da costa noroeste norte-americana, tido como responsável pelo acesso dos humanos aos peixes e à água potável - benefícios estes introduzidos, segundo a mitologia, não por uma inequívoca disposição altruísta do herói, mas simplesmente porque, num dado momento, ele próprio sentiu-se faminto e sedento (Boas, 1966, p. 474).

Assim, o *trickster* pode proporcionar o domínio do fogo, a fertilidade, o conhecimento das práticas de cura e das cerimônias sagradas, como pode ser também o responsável pelas transformações ambientais que tornaram o mundo habitável pelos humanos - dando-lhes água potável, livrando-os de criaturas monstruosas, etc. Neste último caso, é mais conhecido como *transformer*, modalidade particular do *trickster*. Franz Boas assinala que as já referidas qualidades de herói civilizador derivam, também aqui, de ações praticadas pelo *transformer* para satisfazer seus próprios desejos e necessidades. *Makunaima*, por exemplo

(herói-*trickster* dos Taulipang e Arekuna, grupos que se situam nas imediações do monte Roraima), à semelhança de Prometeu, é tido como o responsável pelo domínio do fogo entre aqueles índios. O episódio, entretanto, é narrado da seguinte forma:

“Eles ainda não possuíam o fogo e por isso comiam tudo cru, peixe, caça, tudo. Procuraram fogo e acharam o passarinho Mutúg, o qual, segundo se dizia, tinha o fogo. O pássaro estava pescando. Makunaíma amarrou-lhe um barbante ao rabo, sem que ele o notasse. Logo o pássaro se assustou, levantou vôo e levou o barbante consigo. Este era muito comprido. Os irmãos seguiram o barbante e acharam a casa do Mutúg. Da casa eles, então, levaram o fogo” (Koch-Grünberg, 1953, p. 45).

Entretanto, muitos dos aspectos negativos da existência são igualmente atribuídos ao *trickster*: a mortalidade dos homens, a ocorrência de incêndios em suas habitações e muitos outros transtornos de maior ou menor monta. Dizem os Yorubá que, se um raio incendia a casa de um homem, o responsável pela ocorrência é *Eshu-Elegba*, *trickster* que muitas vezes se encarrega de vingar assim uma ofensa ao deus Shangô (Wescott, 1962, p. 337).

Observa-se, pois, que nem todo herói civilizador apresenta características próprias ao *trickster*, mas, ao que parece, o *trickster* costuma ser, em muitas sociedades primitivas, um verdadeiro herói, cuja trajetória não se dissocia das concepções relativas à origem da sociedade ou da cultura.

Segundo as narrativas, a origem do *trickster* é geralmente concebida como impura ou anormal: nasce de uma gota de sangue menstrual, da placenta de um recém-nascido, pode ser gerado por uma velha ou gestado ao longo de um período de tempo excepcional. Pode-se citar, a propósito, o caso de *Manabozo*, herói-*trickster* dos índios Ojibwa norte-americanos, sobre o qual diz uma versão mítica ter nascido da placenta de seu irmão mais velho (Makarius, 1974, p. 218-219).

As aventuras do *trickster* são marcadas, amiúde, pela malícia, pelo desafio à autoridade e por uma série de infrações às normas e aos costumes: comete ou leva os homens a praticarem adultério, incesto ou parricídio, sendo definido, em alguns casos, como ladrão, assassino e profanador de locais sagrados. Com efeito, podemos constatar que *Eshu-Elegba*, *trickster* Yorubá, intermediário entre os deuses e os homens, é tido como o responsável pelos sonhos imorais e pelas relações adúlteras e ilícitas em que as pessoas se envolvem (Wescott, 1962, p. 343). Já o *Makunaíma* dos Taulipang, quando ainda era menino,

“chorava a noite inteira e pedia à mulher do irmão mais velho que o carregasse para fora de casa. Lá ele a queria segurar e forçá-la. Sua mãe queria levá-lo para fora, mas ele não quis. Então a mãe mandou a nora levá-lo. Esta carregou-o para fora, até uma boa distância, mas ele pediu que o levasse ainda para mais longe. Então a mulher o levou para mais longe, para trás de um morro. Makunáima ainda era um menino. Mas quando lá chegaram, ele tornou-se um homem e forçou-a. Passou a proceder sempre assim com a mulher e usava cada vez que o seu irmão ia caçar. O irmão, porém, nada disso sabia. Em casa Makunáima era uma criança. Quando fora, logo se transformava num homem” (Koch-Grünberg, 1953, p. 54).

Astucioso, rebelde e voluntarioso, o *trickster* é dotado, muito frequentemente, de poderes excepcionais, mágicos, empregando-os tanto nas ações destrutivas ou perturbadoras, quanto de modo construtivo, auxiliando os que se encontram em situações adversas. O mesmo *Eshu-Elegba* dos Yorubá introduz a discórdia entre velhos e bons amigos, mas não se furta a proporcionar a fertilidade aos casais estéreis (Wescott, 1962, p. 348). Koch-Grünberg aponta os poderes mágicos de *Makunáima*, que “provoca, por meio da magia, feridas no próprio corpo e lança-as depois pelo caminho, onde as transforma em pedras, que ainda hoje provocam feridas nos caminhantes” (Koch-Grünberg, 1953, p. 22).

Poderoso e astuto, mesmo assim este personagem envolve-se em situações cômicas e embaraçosas, vendo-se obrigado a pedir socorro a outras criaturas para livrar-se de enrascadas. O *Makunáima* dos Taulipang (palavra que na língua destes índios equivale a “O Grande Mau”), por sua indiscrição, “muitas vezes se vê em situações desagradáveis, das quais se livra, em parte graças à sua astúcia, e outras vezes, com o auxílio do irmão mais velho, que é consciencioso” (Koch-Grünberg, 1953, p. 21).

Glutão, obsceno e malicioso, marcado nalgumas narrativas por características fáticas pronunciadas, contudo, raramente sua sexualidade se dirige para fins procriativos. Paul Radin refere-se aos relatos míticos sobre *Wakdjunkaga* (“o pregador de peças”, na língua dos Winnebagos), indicando que este herói-trickster é portador de um pênis descomunal, e de uma sexualidade igualmente desmedida (Radin, 1984, p. 114-115). A respeito de *Eshu-Elegba*, Wescott transcreve passagens de uma canção onde se lê que esta entidade faz de seu pênis uma ponte; no meio da travessia, seu membro parte-se em dois, deixando cair os viajantes no rio (Wescott, 1962, p. 344).

Violento em algumas situações, pacífico noutras, amante do viver errante e solitário, o *trickster* raramente tem morada fixa, perambulando pelos espaços sociais, naturais e sobrenaturais com notável desenvoltura. Para os Yorubá, *Eshu-Elegba* é o espírito sem lar,

errante, freqüentador dos mercados, das encruzilhadas, das fronteiras, presente sempre que haja distúrbios ou confusões e nas ocasiões de mudança e transição (Wescott, 1962, p. 337).

IV

Não obstante os atributos específicos incorporados na composição de cada um destes tipos, variando seus traços com as sociedades particulares que lhes dão vida, é possível contudo, reter diversos traços comuns a todos os *tricksters* - ou pelo menos à maioria deles. Mas, quando os autores ultrapassam os estágios da descrição e da comparação dos dados, surgem as dificuldades inerentes à interpretação.

Georges Balandier, por exemplo, considera que o *trickster* embaralha e focaliza tudo:

“Os limites se apagam, as categorias se misturam, as regras e obrigações perdem sua força. Os empreendimentos do herói podem fazer do mito o equivalente de uma sátira, de uma crítica irônica da sociedade e do tipo de homem que ela modela” (Balandier, 1982, p. 25).

O *trickster* colocaria em jogo, assim, o inesperado, o indefinido, desrespeitando, no nível do imaginário, a própria ordem social. Ainda segundo Balandier, o seu papel seria, sob muitos aspectos, semelhante ao de outros personagens - bufões, mascarados, bobos da corte - aos quais se concede licença para que possam zombar da ordem estabelecida, “quebrando aparências e desfazendo ilusões”. Muito embora as transgressões cometidas por tais figuras sejam autorizadas pela sociedade, a própria ordem acabaria sendo assim reforçada, por meio de um processo catártico, e ainda com o mérito de revelar aos seus integrantes a desordem que poderia se instaurar caso as normas, os códigos e os interditos viessem a se dissolver. Elemento, a um só tempo, perturbador e agente da ordem, decorreria disto a ambigüidade do *trickster*.

Conclusões semelhantes são formuladas por Laura Makarius, para quem o *trickster* deve ser definido como representação mítica do violador mágico de tabus. Neste caso, a violação do tabu implicaria na contradição decorrente do caráter individual da violação e pelo fato de que ela é praticada em benefício de todo o grupo, satisfazendo necessidades e desejos coletivos:

“Os tabus não podem ser violados pelo conjunto do grupo, pois isto destruiria a ordem social que, negando o tabu, tornaria inoperante o ato de violá-los. A sociedade, que deseja violar sua própria lei não pode, então, fazê-lo senão por intermédio de um indivíduo que age como mediador, e no qual ela encontra seu herói” (Makarius, 1974, p. 217).

O *trickster*, prossegue a autora, é aquele que conhece o *trick* (truque, estratégia), elemento fundamental da magia. Sua ambigüidade (tolo e astuto, herói e farsante, destruidor e criativo, etc.) expressaria a contradição referida acima, ou seja, a de que o ato violador é praticado individualmente - e por isso o *trickster* é avaliado com sérias restrições -, enquanto seus resultados são apropriados coletivamente - o que faz dele um herói.

É sabido que a violação ritual de tabus constitui um poderoso mecanismo de integração, produzindo intensas energias emocionais. “A energia liberada pela violação de tabus considerados particularmente importantes - tabus sexuais, religiosos e outros - é bastante forte para reunir uma população frente às maiores provações e dificuldades” (Worsley, 1977, p. 263). Neste sentido, não haveria diferenças substanciais com respeito à natureza da violação: concreta ou imaginária, a violação produziria efeitos similares, e os resultados assim obtidos seriam pertinentes às mesmas esferas de manifestações sócio-culturais. Além disso, Freud já acreditava que o tabu se manifesta principalmente por meio das proibições, não acreditando na necessidade de se proibir aquilo que ninguém gostaria de realizar: “aquilo que se encontra severamente proibido tem que ser objeto de um desejo” (Freud, 1975, p. 95).

Um ponto-de-vista discordante pode ser encontrado em Beidelman (1980), cujas reflexões enfatizam que as categorias “desordem” e “ambigüidade” apresentam diferentes “funções” em diferentes sociedades, manifestando-se em diferentes níveis da ordem formal das crenças e dos comportamentos (Beidelman, 1980, p. 35). Desta forma, muitas figuras estariam sendo colocadas indevidamente na categoria dos *tricksters*, equívoco este decorrente de uma avaliação etnocêntrica dos desvios e das desordens. Tais tipos poderiam estar vinculados à dimensão “liminar” do grupo ou, ao contrário, às suas esferas mais “centrais”. Por consequência, haveria enormes dificuldades em se proceder às comparações entre personagens oriundos de diferentes culturas, de diferentes sistemas de crenças e símbolos.

Victor Turner, por sua vez, define o *trickster* como uma figura liminar (à semelhança de Joan Wescott e de forma oposta às observações de Beidelman), observando que este personagem desfruta, nas narrativas, de ampla liberdade de ação, como se não estivessem em jogo normas morais ou sociais de conduta. Acentua que os mitos pertinentes

ao *trickster* expressam diversos aspectos da “liminaridade”, sendo a ambigüidade o traço fundamental do herói. Assim, o *trickster* não costuma ter idade ou sexo bem definidos. Apresenta, todavia, exageradas características fálicas em alguns casos, e o comum é que seja simultaneamente agressivo, dotado de espírito vingativo, errante, vaidoso, destrutivo, criativo, etc. Finalmente, conclui que o *trickster*, muito embora permaneça de certa forma alheio à humanidade, não deixa de ser familiar e simpático aos homens, pois realiza tudo aquilo que todos, secretamente, gostariam de fazer (Turner, 1972, p. 576-582).

Já a irresponsabilidade do *trickster* é vista por Jung como “inconsciência” do personagem. Personificação coletiva, o *trickster* provém da somatória de casos individuais, personificação esta que reúne traços ao mesmo tempo mais maldosos e mais bondosos do que aqueles da personalidade individual e consciente (Jung, 1984, p. 185). Observa também que a “longevidade” deste personagem se explica em parte graças à energia e vitalidade ainda associadas à figura do *trickster*, ou melhor, ao estado de inconsciência descrito pelos mitos (p. 190-191).

Michael Carroll, em longo e sugestivo artigo, escreve que a figura mítica do *trickster*, tal como retratada nas narrativas de grupos indígenas norte-americanos, põe à mostra tanto os traços do bufão egoísta quanto os de herói-civilizador. Nesta área cultural o *trickster* traduz, quase sempre, o herói que fornece aos homens os elementos fundamentais da cultura (domínio do fogo, técnicas de captar animais, água potável, etc.). Mas, por outro lado, é também um transgressor, um glutão, prisioneiro de incontroláveis impulsos sexuais. As reflexões desenvolvidas por Carroll levam-no a concordar com as propostas de Lévi-Strauss segundo as quais uma das funções mais importantes do mito seria a de expressar abertamente a existência de um dilema, mas apresentando também um modelo cognitivo que possa conduzir à superação do dilema assim formulado. Lévi-Strauss escreve: “(...) o pensamento mítico procede da tomada de consciência de certas oposições e tende à sua mediação progressiva” (Lévi-Strauss, 1970, p. 246). Carroll, entretanto, discorda de Lévi-Strauss no que diz respeito à definição das categorias dos animais associados com maior freqüência à figura do *trickster* na área em questão. Para o primeiro autor, estes animais seriam sobretudo o corvo, a lebre e o coiote - criaturas portadoras de hábitos solitários por excelência. Para Lévi-Strauss, contudo, seriam os animais que se alimentam de carniça (“carniceiros”).

Dando prosseguimento à argumentação, Carroll observa que, para Lévi-Strauss, a oposição conceitual básica expressa pelos mitos do *trickster* entre os índios Zuni da América do Norte decorreria da polarização entre os conceitos abstratos de *vida e morte*. *Vida* estaria associada à agricultura, posto que esta atividade fornece alimentos, ao passo que *morte*

estaria vinculada à guerra, na medida em que esta última envolve matanças. A mediação entre *agricultura e guerra* é feita pela categoria *caça*, simultaneamente similar à agricultura (pois fornece alimentos) e à guerra (pois leva a matanças). Desta forma, o contraste existe entre animais *herbívoros* (associados à agricultura e às plantas) e os predadores (associados à guerra, pois matam suas presas) é mediado pela categoria dos animais *carniceiros*, que não matam (como os herbívoros), mas consomem alimento animal (como os predadores). Assim, o mito expressaria o dilema dado por dois termos entre os quais não parece haver mediação possível, mas sem deixar de fornecer uma categoria que obscurece a distinção original entre *vida e morte: os carniceiros*. Por isso, segundo Lévi-Strauss, cabe ao corvo ou ao coioote o papel de *trickster* em quase toda a América do Norte - não são estes animais carniceiros? Neste sentido, o *trickster* é, pois, um mediador, “e esta função explica porque ele retém qualquer coisa da dualidade que tem por função superar. Donde seu caráter ambíguo e equívoco” (Lévi-Strauss, 1970, p. 249).

Michael Carroll, sob influência das teorias freudianas, discorda de Lévi-Strauss apenas quanto à categoria dos animais associados ao *trickster*. Para Carroll, como já foi dito, não é porque sejam carniceiros - corvo e coioote - que estes animais desempenham tal papel, mas sim porque apresentam *hábitos solitários* (corvo, coioote, incluindo aqui também a lebre). Investigando a figura do *trickster*, este último autor constata que nosso personagem (enquanto herói-civilizador) está necessariamente associado à origem da cultura; mas também aponta que o *trickster* é portador de impulsos sexuais incontroláveis. Afirma que os dois termos (manutenção da vida sócio-cultural e gratificação irrestrita de desejos sexuais) são ambicionados, consciente ou inconscientemente, por todos os indivíduos. Entretanto, o segundo levaria, caso não cerceado, à destruição do primeiro: estaria aqui colocado, portanto, um verdadeiro dilema. Exatamente por isso, nos mitos do *trickster* os animais solitários assumiriam papel tão relevante, enfatizando-se assim o dilema: satisfação irrestrita de desejos sexuais e vida sócio-cultural são termos incompatíveis - constatação que se torna evidente graças à eleição de animais solitários, não-gregários, para desempenhar o papel do *trickster*. Mas, por outro lado, os mitos forneceriam também aos homens um modelo conceitual que lhes permitiria superar o dilema, estabelecendo uma segunda associação, agora positiva, nos mitos do *trickster*, entre a gratificação sem restrições de impulsos sexuais e a origem da cultura.

Egon Schaden, por sua vez, adverte que o conceito de “herói” (e em particular o de “herói-civilizador”) não deve merecer rígidas formulações, pois se aplica a personagens míticos bastante diversos quanto à forma e ao papel que assumem nas diferentes sociedades. Observa, além disso, que, na condição de criadores dos peixes, da caça, das plantas úteis,

etc., os heróis desempenham o papel de civilizadores, embora nem sempre sejam concebidos como figuras éticas ou benéficas (Schaden, 1959, p. 21-35). Enfatiza que, muitas vezes, é o ser supremo que age como divindade benfazeja, ao passo que o herói pode apresentar-se no papel ambíguo do *trickster*. E aponta, a propósito, o caso do *Makunaíma*: pérfido e traiçoeiro, Makunaíma é o autor das boas coisas, mas também o das más, sintetizando “uma visão realista do mundo, com seus perigos e dificuldades, (...) personificação das condições de vida naquela região”.

Schaden assinala que a astúcia é o traço psíquico predominante do *trickster*, observando, além disso, que a mentalidade a-ética, maliciosa e egoísta é comum nos mitos do *transformer* norte-americano. Tal característica não impede, contudo, que este personagem, em suas diferentes modalidades, acabe por se impor à admiração dos indígenas na qualidade de autêntico herói civilizador (Schaden, 1959, p. 33). E justifica:

“É que os atos do *transformer*, embora muitas vezes egoístas, e sem relação intencional com a humanidade, se tornaram úteis aos homens”.

Já no entendimento de Paul Radin, os mitos do *trickster* estão difundidos através de vastas áreas, podendo ser encontrados tanto nas mais singelas tribos aborígenes quanto em sociedades complexas - China, Japão, Grécia e outras (Radin, 1984). Este personagem e os temas a ele associados, assinala o autor, exercem profunda e permanente atração sobre a humanidade, e isto desde os primórdios da civilização. Não é a toa, pois, que muitos dos traços do *trickster* estão presentes na figura do bufão medieval e, na atualidade, participam da composição do tipo cômico do nosso palhaço. Afinal, sublinha Radin, as duas características que distinguem o homem do animal são o riso e o humor (Radin, 1984, p. 104).

O *trickster* estudado por Radin chama-se *Wadjunkaga*, termo da língua dos Winnebago que, como já foi dito, traduz “o pregador de peças”. Entre estes e outros índios norte-americanos, o *trickster* assumiria a sua mais primitiva e arcaica forma: ele é simultaneamente criador e destruidor, doador e negador, o que logra e é logrado. Ignora tanto o bem quanto o mal, desconhecendo valores morais ou sociais, permanecendo sempre à mercê de suas paixões e de seus apetites. Além disso, não apresenta uma forma muito bem definida, e suas ações são permeadas pelo riso, pelo humor e pela ironia.

A figura do *trickster*, acrescenta Paul Radin, assume a condição de um *speculum mentis*, refletindo a luta do homem consigo mesmo e com o mundo em que vive. É, deste modo, uma tentativa humana visando solucionar problemas interiores e exteriores. Mais ainda, o ciclo do *trickster*

“(…) reúne as vagas lembranças de um passado arcaico e primordial, onde não havia ainda nítida diferenciação entre o divino e o não divino. O *trickster* simboliza esta época. Sua forma, sua sexualidade e sua perambulação não pertencem nem aos deuses, nem aos homens” (Radin, 1984).

Referindo-se nestes termos à figura do *trickster*, Paul Radin reafirma o ponto-de-vista anteriormente estabelecido por Robert Lowie, já que ambos se recusam a ver este personagem e suas façanhas como uma versão adulterada ou “decaída” de narrativas originalmente sérias e respeitadas. Os autores que compartilham de opinião contrária servem-se do argumento segundo o qual o *trickster* é uma aparição tardia, combinando traços de herói-civilizador e de bufão justamente para aliviar, com um toque burlesco, tensões emocionais suscitadas pela gravidade dos mitos sagrados (Lowie, 1909, p. 431-433).

Charles Kerényi amplia as tentativas de interpretação, buscando analogias entre *Wakdjunkaga* e o *Hermes* dos gregos. Por sinal, Wescott procede de forma semelhante, procurando aproximar *Eshu-Elegba* e *Hermes*, na medida em que os dois personagens míticos desempenham papéis similares: ambos são mediadores entre deuses e homens, estão associados ao comércio, etc. Kerényi observa que a desordem faz parte da vida em sua totalidade, e que o *trickster* é o espírito desta desordem. As suas narrativas atuam, portanto, em benefício da ordem, mas por meio do seu contrário, a desordem: “(…) no interior dos limites determinados pelo que é lícito, elas (as narrativas) permitem provar o ilícito” (Kerényi, 1984, p. 165).

V

Mediador do grupo na violação dos tabus, intermediário entre deuses e homens, ou operador das mediações dos dilemas colocados pelos mitos, tais são as conclusões a que grande parte dos estudiosos tem chegado a respeito da figura do *trickster* nas sociedades primitivas. Seria ele, portanto, um ator solitário que, em última análise, atua sempre em benefício do grupo como um todo. Ou então, segundo as palavras de Laura Makarius, uma figura que apareceria como “a expressão da sociedade igualitária primitiva” - sociedade que desconhece os antagonismos que afloram com a emergência do Estado, das segmentações classistas ou das religiões institucionalizadas (Makarius, 1974, p. 251-252).

Impõe-se, pois, o reconhecimento de uma diferença fundamental entre a figura do *trickster* e a de outros personagens que a ele se assemelham, descritos pelas narrativas

populares e nas obras literárias produzidas na turbulência das sociedades complexas e hierarquizadas. No primeiro caso, o herói parece operar a mediação entre o “céu” e a “terra”, atuando num domínio eminentemente sagrado. No segundo, tais personagens agiriam, em grande parte, no domínio profano da “vida social real”, representando, por assim dizer, o papel de mediadores entre os próprios homens - senhores e escravos, ricos e pobres, pretos e brancos, etc. (Setzer, 1982, p. 91-93).

O *trickster* parece constituir, pois, uma categoria por meio da qual podem manifestar-se certas dimensões universais da existência humana. Todavia, esta última só se concretiza em contextos sócio-culturais específicos, cada qual com sua história. Assim, as diferentes modalidades do *trickster* também não poderiam deixar de traduzir peculiaridades próprias aos grupos sociais que lhes dão vida. O estudo destes personagens parece exigir, no mínimo, o reconhecimento das dissemelhanças existentes entre mito e produção literária, e daquelas que opõem as sociedades igualitárias às formações sociais constituídas com as desigualdades.

Para que se possa aproximar figuras tão díspares - mas também tão aparentadas - quanto *Hermes* e *Wakdjunkaga*, por exemplo, é necessário manter distância da sedução das generalizações apressadas. Caso contrário, tipos tão atraentes quanto Malasartes, Lalino Salâthiel, Saci-pererê, João Grilo, o Macunaima de Mário de Andrade, Vadinho e tantos outros (para permanecer apenas na companhia dos brasileiros) podem nos pregar uma boa peça.

Por outro lado, não é nada fácil, para um ocidental, admitir a combinação de traços absolutamente antagônicos na feitura de um único personagem. Segundo nossa mentalidade maniqueísta, bondade e maldade não devem conviver na composição do mesmo ente. Assim, as entidades devem ser ou benfezejas, ou malfazejas: deuses e demônios constituem categorias apartadas. É certo que os primeiros buscam seus contornos no perfil dos segundos, e vice-versa. Imagens simétricas, porém inversas, deuses e demônios não se devem confundir no espelho de nossas figurações. Talvez seja por isso que os primeiros antropólogos, ao tomarem conhecimento da existência do *trickster*, tenham bipartido o herói em personagens distintos: um tipo brincalhão e benfezejo, convivendo com um segundo, pérfido e odioso. São bem conhecidas, a propósito, as tentativas dos missionários em encontrar, no panteão das entidades indígenas, figuras que se prestassem a representar as categorias do Bem e do Mal (Holanda, 1949). Sabe-se também que o *Eshu-Elegba*, emigrando para o Brasil, assumiu rapidamente a identidade do próprio demônio (Bastide, 1973; Trindade, 1979).

Se, como querem muitos autores, o *trickster* das sociedades primitivas “é bom para pensar” a Natureza e as origens da sociedade humana, os nossos *tricksters*, mais matreiros,

QUEIROZ, Renato da Silva. O herói-trapaceiro. Reflexões sobre a figura do *trickster*. **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 3(1-2): 93-107, 1991.

nos obrigam a refletir sobre o processo que nos conduziu da diferença à desigualdade. Mas isso já é uma outra história...

Recebido para publicação em dezembro/1990

QUEIROZ, Renato da Silva. The crooked hero. Reflections about the hero trickster. **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 3(1-2): 93-107, 1991.

ABSTRACT: The trickster hero has been a constant subject of investigation for anthropologists and specialists in universal mythology. An ambiguous and contradictory figure, polemical by its very nature, the tricksters can be found both in mythological narratives of tribal societies and in the folk literary production of complex social formations. Thus the trickster encompasses a fairly large category of imaginary entities and the problems of interpretation arising thereof are of permanent concern to the anthropologist's curiosity.

UNITERMS: Trickster, myth, mythology, civilizing hero, anthropology of imaginary entities.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMS, David & SUTTON-SMITH, Brian. The development of the trickster in children's narratives. *Journal of American Folklore*. 90 (355), 1977.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1982.

BASTIDE, Roger. *El prójimo e el estraño*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1973.

BEIDELMAN, T.O. The moral imagination of the kaguru: some thoughts on trickster, translation and comparative analysis. *American Ethnologist*. 7 (1), 1980.

CANDIDO, Antonio. A dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*. São Paulo, 8, 1970.

CARROL, Michael. Lévi-Strauss, Freud and the trickster: a new perspective upon an old problem. *American Ethnologist*, 8 (2), 1981.

- QUEIROZ, Renato da Silva. O herói-trapaceiro. Reflexões sobre a figura do *trickster*. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 3(1-2): 93-107, 1991.
- FREUD, Sigmund. *Totem y tabu*. Madrid, Alianza Editorial, 1975.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Índios e mamelucos na expansão territorial paulista. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1949.
- JUNG, Carl G. Contribution à l'étude de la psychologie du fripon. In: RADIN, Paul et al. *Le fripon divin: un mythe indien*. Genève, 1984.
- KERÉNYI, Charles. Le mythe du fripon et la mythologie grecque. In: RADIN, Paul et al. *Le fripon divin: un mythe indien*. Genève, 1984.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 7, 1953.
- KOEPPING, Klaus-Peter. Absurdity and hidden truth: cunning intelligence and grotesque body images as manifestation of the trickster. *History of Religions*, 24 (3), 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.
- LOWIE, Robert. The hero-trickster discussion. *Journal of American Folklore*, 22, 1909.
- MAKARIUS, Laura. Le mithe du trickster. *Revue de l'Histoire des Religions*. Paris, Presses Universitaires de France, 175 (1), 1969.
- _____. *Le sacré et la violation des interdits*. Paris, Payot, 1974.
- QUEIROZ, Renato da Silva. *Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o Saci*. São Paulo, Polis, 1987.
- RADIN, Paul. Les winnebagos et leur cycle du fripon. In: RADIN, Paul et al. *Le fripon divin: un mythe indien*. Genève, 1984.
- SCHADEN, Egon. *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil: ensaio etno-sociológico*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1959.
- SETZER, Rachel. *Fairly tales as metaphors of society: an analysis of Brazilian narratives*. Purdue, 1982. Thesys (Master). Purdue University.
- TRINDADE, Liana Salvia. *Exu: símbolo e função*. São Paulo, 1979. Tese (Doutoramento). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

QUEIROZ, Renato da Silva. O herói-trapaceiro. Reflexões sobre a figura do *trickster*. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 3(1-2): 93-107, 1991.

TURNER, Victor. Trickster tales. In: TURNER, Victor. *Myth and symbol*. Encyclopaedia of the social sciences. New York, The Macmillan Co./The Free Press; London, Collier-Macmillan Publishers, 1972.

WESCOTT, Joan. The sculpture and myths of Eshu-Elegba, the yoruba trickster. *Africa*. London, 32, 1962.

WORSLEY, Peter. *Elle sonnera la trompette: le culte du cargo en Mélanésie*. Paris, Payot, 1977.